

Cesário Verde

O sentimento dum ocidental

Poeta do realismo português dos finais do século XIX, Cesário Verde (1855-1886) enraíza a sua poesia na natureza e no visível e observável. Um criador de tendências futuras, possuidor de uma força inovadora, que o tornou num precursor da poesia do século XX.

O sentimento dum ocidental encontra-se na obra “O Livro de Cesário Verde” (1887), o único livro do autor (publicado postumamente) e dedicado a Guerra Junqueiro. Este foi escrito como homenagem a Camões publicado, numa folha impressa (Jornal de Viagens), no Porto (1880).

A sua linguagem desprende-se do sentimentalismo, focando-se sobretudo no real e na expressão da realidade. O cenário preocupante e desolador é nos revelado gradualmente, ao mesmo tempo que o sujeito poético revela a sua tomada de consciência e o mal-estar que o aflige.

➤ Tendências presentes nos versos

Realismo – expressão nova, que quebra com o romantismo do passado.

Naturalismo – preocupação naturalista.

Parnasianismo – anti-romantismo, defesa dos valores da arte pela arte.

Simbolismo – culto do “eu”, preocupação formal, capacidade de visão especial que pode atingir níveis oníricos, visão pessimista da existência.

Impressionismo – anteposição das características dos objetos à sua identificação. As sensações do poeta, com ênfase nos sentidos. Atribuição às palavras, as características dos quadros impressionistas, muitas vezes através da utilização da metáfora.

Modernismo – união entre a literatura e as artes plásticas, relação entre autor e obra, capacidade introspectiva.

Surrealismo – associação de ideias e interpretação do inconsciente, insólito.

Neorrealismo - dinamismo entre o povo urbano e rural, personagem coletiva, destaque das injustiças associadas aos mais desfavorecidos.

➤ Análise externa do poema “O sentimento dum ocidental”

Poema com 44 estrofes, divididas em 4 grupos de 11 estrofes, compostas por 4 versos (quodras).

Organização das em 4 parte do poema:

Parte I: Avé-Marias

Parte II: Noite fechada

Parte III: Ao Gás

Parte IV: Horas mortas

As rimas são geralmente interpoladas e emparelhadas (num esquema ABBA), com métrica de 12 sílabas (alexandrino) e um verso decassílabo no primeiro verso de cada estrofe.

Este dá primazia às sensações (visuais, auditivas e gustativas), permitindo a construção de uma nova realidade partindo dos elementos reais.

A estrutura deste poema contempla uma progressão narrativa ao longo das quatro partes, destacada pelos títulos destas. Ao longo da narrativa inserem-se pequenos relatos de episódios, que aceleram a narrativa.

➤ Análise interna do poema “O sentimento dum ocidental”

Tempo

O poema decorre durante a noite (“Ao anoitecer”, “Ao cair das badaladas”, “Fim da tarde”, “Hora de jantar”...). Apesar de haver consciência da passagem do tempo.

O tempo real torna-se sucessivamente mais negativo, algo que se evidencia pelos títulos associados a cada parte do poema. Em contraste, o sujeito poético procura um tempo de evasão (descobrimientos) e de um tempo imaginado.

Este tempo real corresponde a um tempo de decadência nacional e civilizacional. A evasão surge pela necessidade de compreender a realidade e a procura da solução para os problemas presentes (não existe grande otimismo no futuro).

Espaço

O principal espaço é a cidade de Lisboa, pela qual o eu poético se passeia e observa o mundo à sua volta. A visão representada é a de um observador accidental que se desloca pela cidade à noite.

A cidade

- espaço confinador e destrutivo (ausência de amor).
- Casas que parecem gaiolas
- ambiente real com barulho e confusão...
- Campo é o oposto da cidade (vitalidade, energia, ânimo, amor)

Espaço de evasão (positivo – descobrimentos, idade média / negativo – espaço usado pela inquisição).

Personagens

- Povo (positivas) – pessoas desprotegidas, frágeis, vítimas...
- Burgueses (negativas) – pessoas favorecidas pela sorte ao que andam à voltas dessas pessoas
- Regulação social – representantes das condições em vigor (soldados, patrulhas, padres...).
- Conscientes e sensíveis – reconhecem a realidade à sua volta (emparedados), sem nada poderem fazer para altera-la.
- Compensação – escape às tensões criadas pela consciência (visionadas, imaginadas, de evasão, da memória).

Criticas do poema

Os descobrimentos são vistos como uma experiência pura e grandiosa à qual não é feito jus no presente, em que o mar é um comércio e uma desgraça, algo que se estende à cidade e ao povo português.

Os militares perderam o seu orgulho ao servir líderes medíocres (o rei – Cesário era visto como republicano). As armadas já não existem são agora apenas sonhos.

A vontade e os sonhos dos portugueses deixaram de existir, as gentes passaram a ser submissas e desgraçadas, abusadas pelos poderes instituídos (minorias privilegiadas e felizes).

O poeta encara com felicidade aqueles que partem e com tristeza os que ficam, pois são os que vão sofrer mais.

A crítica recai maioritariamente sobre os mais favorecidos, que se deixam levar pela sua situação sem ter consciência das outras realidades. Outra das críticas presentes reside na utilização de estrangeirismos ou de produtos vindos do estrangeiro.

- Análise do poema
 - **Avé-Marias** (corresponde ao cair da tarde)

O sujeito inicia a sua caminhada, ao anoitecer, no momento em que várias pessoas se reúnem para rezar. As mulheres são também um tema presente, em particular as mais humildes e trabalhadoras que se deslocam para casa, naquele momento.

Desejo de fuga (evasão).

Denúncia social (más condições de vida dos trabalhadores).

Cidade como símbolo de poluição e opressão.

Ciclo vicioso das classes baixas (não há oportunidades – não há evolução, nem progressão).

Contradição entre as personagens, espaços e tempo.

Edifícios em madeira/ hotéis da moda, dualidades (glória/opressão, miséria, injustiça, dependência) .

Tempo	Espaço	Personagens	Pensamentos do poeta
Anoitecer	Bulício, Tejo, maresia	Muitas gente as ruas	Soturnidade e melancolia. Desejo de sofrer (absurdo)
Aproximar da noite (inferido – iluminação, pessoas a caminho de casa)	Céu baixo, neblina. Edifícios e chaminés. Cor monótona e londrina	turba	Enjoo pelo gás extravasado. Tristeza provocada pela cor do ambiente
	Carros de aluguer, comboio (ao fundo)		Felicidade de quem parte em contraste com a tristeza dos que ficam (poeta). Desejo de evasão, para outras capitais europeias (felicidade presente onde não se está)
As badaladas (anúncio do fim do trabalho)	Casas de madeiras como gaiolas, ou viveiros, com pessoas amontoadas	Pessoas dentro das casas (inferir). Carpinteiros como morcegos de viga em viga deixando o trabalho	
	Boqueirões, becos , cais com botes	Calafates que regressam a casa	Poeta a cismar e a passear errantemente
Evasão: recuo ao passado (descobrimientos)	Os descobrimientos	Heróis ressuscitas, mouros... Camões a salvar Os Lusíadas	Realidade dura desperta a necessidade de fuga
Fim da tarde hora de jantar	Mar, escaleres de couraçado inglês vogam. Jantar em hotéis	Presença de ingleses (subentendido) privilegiados a jantar em hotéis	Incomodo com o fim de tarde
	Trem da praça, varandas casas, lojas	2 dentistas, um arlequim trôpego, querubins do lar (crianças), comerciantes enfadados pela falta de clientes	Simpatia pelos desfavorecidos e hostilidade pelos privilegiados
	Arsenais e oficinas, rio reluzir	Operariado, as obreiras, varinas	Consciência da vida desesperadas das varinas, assim como da inconsciência destas
		Varinas de troncos fortes, filhos das varinas dentro das canastras	Tristeza pela vida das varinas e pelo futuro dos seus filhos.
		Varinas (trabalham de manha à noite nas	

		descargas de carvão e nas fragatas). Condições de vida das varinas (bairros sem condição)	
--	--	--	--

- o **Noite fechada** (corresponde ao acender das luzes)

Observador solitário.

Nostalgia, opressão, aprisionamento (Aljube – metáfora para a cidade confinadora).

Denúncia das injustiças sociais.

Memórias de um passado trágico (Inquisição – “Duas igrejas, num saudoso largo, / Lançam a nódoa negra e fúnebre do clero: / Nelas esfumo um ermo inquisidor severo”)

Camões e o passado como oposição do presente de doença e sofrimento.

Tempo	Espaço	Personagens	Pensamentos do poeta
	Cadeias (pedir da comida/ dormir) Aljube (abrigo de velhos e crianças)	Velhinhas e crianças, mulheres com bens, presos e guardas (inferidos)	Mortificado e com loucuras mansas tece comentários sobre as mulheres de “dom” lamenta as velhinhas e crianças que procuram proteger-se no Aljube
Acender das luzes	Prisões, a velhas sé, as cruzes	Pessoas desprotegidas nas prisões (inferidas)	Desconfiança sobre a sua saúde mental e física (pensa estar a sofrer um aneurisma) devido à morbidez que vê. Sensibilidade em relação as prisões à Sé, as Cruzes sente chorar o coração
Hora de acender as luzes	Andares (iluminados), tascas, cafés, tendas, estancos lua lembra o circo e os jogos malabares	Pessoas que chegam a casa (inferidas)	Frequentadores das tascas, cafés, tendas, estancos
	Duas igrejas espaço de evasão locais onde ocorreram praticas repressivas (Inquisição)	Padres que deixaram a igreja vitimas da igreja	Pouca simpatia pelas igrejas e clero devido às praticas do passado. desejo de compensar o sofrimento (realidade negativa) através da história
	Construções que surgiram devido ao terramoto. subidas íngremes		Sente-se murado, emparedado (na parte reconstruída da cidade). afrontados nas subidas íngremes e ambiente

			religioso (toque dos sinos)
	Largo com estátua de Camões (feita em bronze) num largo comum		Procura a respostas para os problemas no passado (Camões, como figura importante)
	Rua, quartel militar, palácio diante de um casebre	O Cólera, a Febre (personificações), pessoas enfezadas, soldados que voltam ao quartel	Sensibilidade para com o sofrimento alheio (os que sofrem de cólera e febre). antipatia para com os soldados (por ajudarem a manter a realidade). Sensível às contradições sociais
Temperatura baixa	Quarteis nos antigos conventos Idade média (conventos) cidade com menos pessoas	Patrulhas a cavalo e a pé	Nostalgia pelo passado (idade média), solução para os problemas do presente
	Cidade lâmpioes distantes montras de ourives	Personagem da memória (paixão defunta)	Tristeza da cidade receio pelo avivar de uma paixão passada sente-se enlutar quando vê os favoritos da vida
	magasins	Costureiras, floristas comparsas e coristas	Sobressaltado com a vida dupla de algumas mulheres (profissão humilde durante o dia e duvidosa à noite) denuncia das influencias estrangeiras
	Brasserie onde se joga dominó	emigrados	Poeta atento e íntegro

- **Ao Gás** (corresponde à fixação da noite)

Opressão da noite “A noite pesa, esmaga”.

Prostituição e doença na cidade.

Melancolia que permanece desde o início, desperta ao “eu” o desejo de sofrer.

Registo de acontecimentos que ocorrem à volta do “eu”.

Tempo	Espaço	Personagens	Pensamentos do poeta
Noite (pesa esmaga)	Passeios de laje moles hospitais embocaduras ambiente de fantasmas que afeta os pobres mal vestidos e doentes	Impuras que se arrastam nos passeios pobres andrajosos e doentes	Desconforto com o ambiente de riso e jogo abatido pelo peso e esmagamento da noite sensibilidade para com o sofrimento nos hospitais e para com os pobres

			expostos às correntes de ar
	Lojas tépidas espaço imaginário (catedral imensa com círios laterais...)	Personagens imaginarias (santos de capelas, andores...)	Sente-se cercado sente que as lojas são semelhantes a catedrais cerco provocado pela religião e pelo desequilíbrio social
	Chão minado por canos (imaginário)	Burguesinhas do catolicismo seres desprezíveis insignificantes personagens imaginarias (freiras de antigamente)	Sensível à realidade das burguesinhas do catolicismo (submissão à casa, devotas, beatas, educadas para o piano e as boas maneiras, sem vontade própria) assemelhando-se às freiras
	Fábrica de cutelaria, padaria cheiro salutar e honesto	Um forjador. Padeiro	Apreciação por coisas autênticas e saudáveis (salutares)
	Casas de confeitaria	Modistas. Ratoneiro imberbe (criança delinquente)	Intenção de intervir na sociedade (sonha escrever um livro que cause impacto) acredita que a poesia deve exprimir o real através da análise antipatia para com as casas de confeitaria
Noite (palidez romântica e lunar)		Longas descidas da cidade marcadas pela palidez romântica e lunar	Acrescenta definições sobre o seu conceito de poética ser capaz de pintar os pormenores do espaço como a luz nas longas descidas
	Loja de luxo, balcões de mogno	Pessoa lúbrica	Aspereza perante os bafejados pela sorte e atraem o luxo
		Velha de bandós o mecklenburgueses (mecklenburg – unidade política alemã) indivíduos com o mesmo estatuto da velha (que através dela conseguem o sucesso e boa vida)	Contrapõe ostentação e luxo à miséria e desgraça
	Lojas de moda com tecidos estrangeiros	Plantas ornamentais flocos de pós de arroz clientes e caixeiros	Não concorda com o comportamento dos clientes das lojas de moda
Passou tempo, altura de fechar as lojas	Candelabros como estrelas fronteiras dos prédios transformados em	cauteleiro	Atenção aos mais fracos

	mausoléus quando as luzes se apagam		
	Esquinas (símbolo do abandono dos valores culturais)	Homem idoso, calvo, eterno, sem repouso (o velho professor de latim do poeta)	Compaixão pelos desfavorecidos (velho professor de latim) repúdio pelo desprezo (simbólico) aos valores culturais do país

- **Horas Mortas** (corresponde à noite silenciosa)

O sujeito poético continua a deambular por Lisboa, atingindo um momento de escuridão mais profunda.

Vontade de viver num ambiente de amor, onde a solidão e a melancolia não exista, um mundo perfeito.

Oposição entre a luz e a escuridão. A luz símbolo de liberdade e amor “luz em mansões de vidro transparente” e a escuridão da cidade “de prédios sepulcrais”.

Tempo	Espaço	Personagens	Pensamentos do poeta
Noite (céu limpo)	Ruas estreitas ladeadas por prédios com trapeiras os astros, com olheiras, libertam lágrimas de luz	Imaginarias (astros, solidários com os homens conscientes, chorando lágrimas de luz)	Dominado pela vontade de evasão enlevado pela quimera azul de transmigrar (passar para outro espaço-tempo que não o magoe)
Cidade às escuras	Portões e arruamentos particulares lajes onde se ouve cair um parafuso taipais caleche de luzes acesas		Impressionado com os portões e os arruamentos das propriedades abastadas consciência dos desequilíbrios sociais. Marcado pela realidade, assustado a ponto de espantar pelos “olhos sangrentos”
Tempo de silêncio	Fachadas das casas parecem a linha de uma pauta notas pastoris de uma flauta	Inferidas (tocador de flauta)	Consciente dos ínfimos pormenores da cidade, anseia e sente saudade do ambiente pastoril
	Espaços visionados (mundo perfeito, castíssimas esposas, mansões de vidros transparentes)	Personagens visionadas (esposas...)	Deseja a imortalidade dá informação sobre o conceito de poética (procura e alcançar a perfeição) perde-se no sonho de um mundo perfeito

	Espaços visionados (família, filhos, mães e irmãs estremecidas vivendo em habitações translúcidas e frágeis)	Personagens visionadas (filhos, mães, irmãs)	Sonha com uma realidade diferente da que o cerca, vivendo em habitações translúcidas e frágeis consciente da realidade mas sem nada fazer para a alterar
	Espaço imaginado (no futuro, quando as frotas dos avós e os nómadas ardentes explorarem todos os continentes)	Personagens imaginarias (raça ruiva do porvir, os avós, os nómadas ardentes)	Sonha com a raça ruiva do porvir, com a exploração de todos os continentes está a contar com a participação das frotas dos avós e de nómadas (seguir o exemplo do passado português)
Tempo imaginado (treva, onde há folhas de navalha e gritos estrangulados)	Vale escuro das muralhas sem árvores, onde vivem os emparedados. Espaço imaginado (treva, folhas de navalha, gritos de socorro estrangulados)	Emparedados que vivem no vale escuro das muralhas... (o poeta e os outros com algum grau de consciência)	Consciência da luta que todos os conscientes travam contra a realidade triste e o meio humano deficitário e infeliz da realidade humana
	Os nebulosos corredores, as ruas. Ventres das tabernas (vida no interior)	Tristes bebedores.	Náusea provocado pela visão do interior das tabernas. Sensível à presença dos bebedores que regressam a casa a cantar
		Dúbios caminhantes. Cães, sujos, sem ladrar, ósseos, febris, errantes...	(ambiente inseguro) não sente receio (de assaltos) pois está irmanado em espírito com os possíveis ladrões
	Escadas dos prédios revistadas pelos guardas. Andar superior dos prédios	Guardas revistam as escadas. as imorais, em roupões ligeiros, tosem, fumando sobre a pedra das sacada,s enquanto esperam quem as procure	
	Prédios sepulcrais		Revela a consciência de que a dor humana busca soluções mas com grande dificuldade (devido à realidade)

➤ Análise temática do poema

Personagens representativas de tipos sociais:

- povo/ classe trabalhadora – representa a produtividade, vitalidade e autenticidade (obreiras, varina, vendedora) – alvo de simpatia e solidariedade do sujeito poético.

- Burguesia – ociosidade, inércia, artificialidade (criado de bairro, dentista...) - alvo de crítica e ironia por parte do sujeito poético.
- Marginais da cidade – degradação social e moral (ladrão, bêbado...) - alvo de crítica só sujeito poético.

➤ Relação com Os Lusíadas:

Poema anti-épico que se pode ser associado ao “Os Lusíadas”, apesar de ambos se tratarem de epopeias, isto é, texto narrativo em prosa.

Neste poema a capacidade humana são menosprezadas, enquanto que n’Os Lusíadas estas capacidades são exaltadas.

A narrativa corresponde à viagem pela cidade (demonstrando a degradação social e moral), já n’Os Lusíadas a viagem marítima (descobrimientos) constitui o relato.

As personagens de “O sentimento dum Ocidental” são marginais, ociosas e/ou artificiais, sendo exaltadas as classes trabalhadoras (personagens épicas). N’Os Lusíadas Luís de Camões exalta todo o povo português na figura de Vasco da Gama e dos marinheiros durante a viagem à Índia.